CIVILIZAÇÃO E HISTÓRIA LITERÁRIA: NOTAS EM TORNO DO "ENSAIO HISTÓRICO SOBRE AS LETRAS NO BRASIL", DE VARNHAGEN

Jaime Ginzburg[1]

Em 1850, Francisco Adolfo de Varnhagen publicou o primeiro tomo do *Florilégio da Poesia Brasileira*, volume caracterizado pela apresentação de uma coletânea de textos literários de diversos autores. A Introdução recebeu o título de "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil"[2].

Uma das principais ideias do texto consiste em que, durante a colonização portuguesa, as letras não teriam sido trazidas, em razão de que os interesses que motivaram o processo colonizador eram delimitados pela busca de "fortuna" (VARNHAGEN: 1998, 230). Essa perspectiva condicionada por fatores econômicos não corresponderia, de acordo com o autor, à expectativa de "glória imortal" por parte dos letrados (Idem, 230).

Varnhagen utiliza cadeias metafóricas com imagens da natureza para elaborar uma narrativa sobre a ausência de força intelectual no espaço da colônia. Por exemplo, cabe observar o seguinte trecho:

> Os troncos colonizadores não trazem, pois, da árvore-mãe seiva poética bastante, para produzirem frutos com ajuda do clima da terra. (...) Ao Brasil não passavam poetas: é, pois, necessário esperar que ele se civilize, e que os poetas aí nasçam e vigorem seus frutos. (Idem, 230)

As palavras "troncos", "árvore", "frutos" e "seiva" são utilizadas de modo a observar como parte da natureza um processo que é histórico e cultural. Metaforicamente, a terra colonizada é compreendida como incapaz de gerar frutos; os troncos não contêm a seiva necessária para isso. É uma imagem próxima de uma esterilidade. A palavra "mãe", vinculada por um hífen com a imagem da árvore, sugere que, na origem, existe fecundidade.

O fator que distingue a área fecunda e a área estéril é a civilização, presente na primeira e ausente na segunda. Varnhagen sugere, com o verbo "esperar", que a

[1] USP

[2] Foram consultadas duas edições: o volume original do *Florilégio da poesia brasileira*, publicado em Lisboa, em 1850; a transcrição do "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil", com a ortografia atualizada, exposta no volume *O berço do cânone,* do qual foram extraídas as citações.

Revista Literatura em Debate, v. 13, n. 24, p. 189 - 195, jan./jun. 2019. Recebido em: 14 jun. 2019. Aceito em: 14 jun. 2019.

civilização depende de que um tempo se passe, para que a esterilidade seja superada em favor da fecundidade, trazendo os frutos esperados.

A linguagem utilizada expressa critérios de valor. Trata-se de um ensaio sobre as Letras no Brasil que, em um movimento comparativo, aponta a superioridade da metrópole sobre o espaço colonizado. Portugal, onde existe seiva poética, é diferente da terra colonizada, em que troncos não geram frutos.

O emprego de imagens da natureza estabelece uma analogia entre o espaço (condicionado pelo "clima da terra") e a vida intelectual. Com essa analogia, o autor leva a interpretar a diferença qualitativa como uma contingência determinada por causas naturais. Se de fato se trata de uma contingência, de acordo com o seu ponto de vista, a civilização que faltava à colônia seria esperada de um modo similar à maneira como uma comunidade que vive em um contexto físico hostil aguardaria uma mudança de clima, por exemplo, uma ocorrência de chuva em um tempo de seca.

O processo de colonização portuguesa foi caracterizado por ser violento, predatório e genocida. De acordo com Luiz Felipe de Alencastro, a base desse processo, pautado pela escravidão, é "a violência fundadora do sistema: a rapina, a compra, o transporte oceânico, o desembarque e a incorporação de habitantes de outro continente como mercadoria" (ALENCASTRO: 2000, 154). Com relação aos índios, o historiador expõe a sujeição a trabalhos forçados em um "ambiente epidemiológico que lhes era particularmente hostil" (Idem, 120), levando muitos a morrerem. Ele comenta também o interesse, por parte de Portugal, na realização de guerras entre tribos indígenas (tratadas como guerras justas) para que os derrotados fossem submetidos à escravidão (Idem, 119).

Sobre esse assunto, cabe considerar o seguinte:

> Ao longo de todo o processo de colonização, os índios que não aceitaram o controle foram considerados passíveis de extermínio e/ou de escravização, ao que os mecanismos da guerra justa foram essenciais. Ela era desencadeada sempre que houvesse uma denúncia de índios hostis estavam atacando fazendas, vilas e povoados (...) A guerra justa legitimava a escravização dos que sobrassem das batalhas e, acima de tudo, transformava as terras até então ocupadas pelos índio em espaços destinados aos colonos (...) O aniquilamento de muitos e a escravização de outros tantos contribuíram para fazer que os sobreviventes perdessem o orgulho e a noção de pertencerem a um grupo específico (AMANTINO: 2011, 31)

Tendo em conta as condições de vida na colônia, marcada por "mobilidade, dispersão, instabilidade" (NOVAES: 1997, 22), a ocorrência das "guerras brasílicas" voltadas contra franceses e holandeses (MELLO E SOUZA: 1997, 46), é possível

atribuir um papel constitutivo à violência no período colonial. Durante o processo de colonização, esteve presente a elaboração imaginativa de que a terra colonizada corresponderia a um inferno. O Novo Mundo estaria em oposição, em termos religiosos, à Europa, da qual, como explica Laura de Mello e Souza, "o Céu era mais próximo" (MELLO E SOUZA: 1986, 77). Em um contexto em que foi constante a atribuição de pecado a comportamentos de indígenas e africanos, era comum a aplicação de "dureza e castigo" (Idem, 77). Entre as formas de perpetração da violência durante o período colonial, é destacado o papel da Inquisição, responsável por sessões de tortura (Idem, 287) e prisões.

Cabe lembrar José Veríssimo que, em "Sobre a formação da literatura brasileira", de 1906, examinou o passado de acordo com o ângulo do interesse pela exploração: "Assenhoar as terras descobertas, conquistá-la ao gentio, explorá-la, tirar dela o máximo de proveito, era o seu natural e único empenho" (VERÍSSIMO: 1977, 70). A exploração de recursos foi conduzida tendo em vista a procura por vantagens econômicas ou, para utilizar o termo empregado por Varnhagen, a busca de "fortuna". O genocídio de indígenas e a configuração de um sistema escravocrata expressam a violência constitutiva do processo.

No trecho anteriormente citado de "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil", as palavras empregadas por Varnhagen não expressam essa violência; ao contrário, as imagens com vegetais removem da cena o impacto político da colonização. Chama a atenção, em especial, a presença do termo "árvore-mãe". A evocação da maternidade, para além de reforçar a importância da "árvore", é uma maneira de descrever o processo de colonização como uma relação parental. Em acordo com a polissemia da expressão, sendo o espaço colonizado configurado como uma criança, uma das hipóteses de leitura é de que a relação entre mãe e criança seja afetiva. A mãe adulta, como a responsável por dar origem à criança, constituiria as condições para sua existência. A atribuição de uma maternidade a Portugal é consistente, de acordo com essa hipótese, com a remoção do impacto político do processo.

Algumas páginas depois, Varnhagen escreve:

> Mas é singular como a atividade literária só começa depois que a guerra do holandeses, despertando, por assim dizer, os ânimos, os distraiu da exclusiva ocupação de ganhos e interesses mesquinhos, para ocupar-se mais em apreciar as artes do engenho. Toda guerra de alguns anos, quando bem dirigida, convém de tempos a tempos às nações, para as despertar de seu torpor. O sangue é fecundo, quando bem derramado, e a conquista de glórias é tão necessária a um povo-nação, como o aumento de suas rendas. (Idem, p. 237)

Essa passagem do texto consiste em uma legitimação da violência. Essa ideia é defendida, em acordo com as seguintes proposições:

- a guerra desperta os ânimos, isto é, estimula as pessoas a agirem
- toda guerra é conveniente, desde que bem conduzida, por romper com a apatia social
- a destruição da guerra é necessária para firmar uma nação
- como metonímia da destruição da guerra, o sangue tem valor quando "bem derramado", e nesse sentido, quando se trata de defender interesses nacionais

Essa legitimação é contextualizada com uma referência a um conflito entre portugueses e holandeses. Essa indicação não contempla os atos de destruição de indígenas por parte de portugueses. No entanto, em termos históricos, a legitimação pode ser interpretada em sentido menos específico. Como concepção política, a ideia da relevância da guerra permite compreender a perspectiva de atuação de Portugal com relação aos nativos no espaço colonizado.

A referência à ideia de civilizar esse espaço, no trecho citado anteriormente que menciona a "seiva", portanto, não exclui nem contradiz o exercício da violência ou o interesse pela guerra. Em um mesmo texto, são apontados como fenômenos esperados por Varnhagen a disposição para a vida intelectual e a disposição para a guerra.

Com esse movimento, o autor crava no mesmo solo as condições para a criação literária e o incentivo ao derramamento de sangue, como dois tópicos, relacionados à colonização, que lhe causam interesse. Este se associa, em ambos os casos, a processos de superação: no primeiro, a transformação social por um processo de civilização; no segundo, a eliminação de apatia em favor de uma atitude de defender a nação.

Em algumas passagens do *Florilégio*, Varnhagen dedica atenção a episódios biográficos em que a violência exerceu impacto sobre escritores. No caso de Santa Rita Durão, é relatado um episódio em que, "rebentando logo a guerra" (VARNHAGEN: 1850, 346), no contexto de um conflito envolvendo a Espanha e a França, foi preso. A vida de Antonio José, por sua vez, é narrada como um percurso delimitado por ações da Inquisição e pela difusão de antissemitismo. A abordagem do percurso é marcada por uma imagem protetora do Rei D. João V, que teria tentado salvar o escritor da Inquisição, sem sucesso (Idem, 210).

Esses exemplos, entre outros trechos do livro, contribuem para atribuir, em contraste com a política de Portugal, imagens negativas de outros países e, como instituição não subordinada ao Rei, da Inquisição. A crítica à violência, no livro, está enfocada em agentes externos a Portugal.

José Veríssimo se distingue de Varnhagen com relação ao modo de descrever o processo de colonização. Por outro lado, atribui ao mesmo intelectual uma posição fundadora para a história da literatura no Brasil. Veríssimo descreveu Varnhagen, em 1907, nos seguintes termos:

> A fonte da nossa história literária é a introdução de Varnhagen ao seu Florilégio da poesia brasileira (Lisboa, 1850, I e II vols., III, Madrid, 1853). Foi ele quem lançou nessas páginas a primeira pedra do edifício ainda não acabado construir da história de nossa literatura, e mais quem lhe assentou o critério geral (Idem, 113).

Em 1916, reforçando a mesma posição, o descreveu como "o verdadeiro fundador da história da nossa literatura. Depois dele esta, em que pese à ingrata presunção em contrário, não faz mais que repeti-lo, ampliando-o" (VERÍSSIMO, 1977, 104). Em um texto sobre "Alguns conceitos de Sílvio Romero", Veríssimo defendeu, de modo detalhado e persistente, um papel fundador de Varnhagen, em reação a uma posição discordante de Sílvio Romero (Idem, 125-132).

A perspectiva política que atravessa o "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil" está exposta no livro "História Geral do Brazil", de Varnhagen. Nessa obra, ele afirma explicitamente que a terra colonizada não pertence aos indígenas. Estes são descritos como "viciosos" (VARNHAGEN: , XVII). O autor acredita que sem castigos para os vícios, não "há civilização possível" (Idem, XIX). Segundo ele,

> (...) sem o emprego da força, não era, nem é possível reduzir os selvagens; assim como não poderia haver sociedade sem castigos para os delinquentes (...) <A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilização das nações> : disse, com admirável filosofia e coragem, o virtuoso e sábio bispo brasileiro Azeredo Coutinho (...) temos por sem dúvida que ela [a guerra] foi entre os homens um grande meio civilizador (...) a tremenda necessidade da guerra efetua a mescla das raças, e concorre para melhorar sua própria condição (Idem, XIX-XXII)

A imagem da "árvore-mãe", levando em conta essas afirmações, precisa ser objeto de uma reflexão cuidadosa. Varnhagen fala que é "necessário esperar que" o espaço colonial "se civilize", para que surjam escritores de valor. Articulando os dois textos, é possível inferir que, para o autor, os escritores aparecerão à medida que forem realizados os processos necessários para a civilização de uma nação – "a escravidão e a subordinação".

Ao legitimar a violência contra indígenas e articular de modo direto a ideia de civilização com a escravidão, a "História geral do Brazil" sugere um cruzamento entre práticas violentas, por parte de Portugal, e condições para o surgimento de uma literatura relevante. Sem escravidão, na opinião dele, não haveria civilização; sem civilização, não há um ambiente propício para a literatura.

A hierarquização entre a literatura portuguesa e a produção textual em terras colonizadas, em especial nos séculos XVI e XVII, com atribuição de superioridade à primeira, depois de Varnhagen, se tornou uma constante na historiografia da literatura brasileira. Para Sílvio Romero, por exemplo, "Todas as nossas escolas, numa e noutra esfera, não têm feito mais em geral do que glosar, em clave baixa, as ideias tomadas à Europa, às vezes em segunda ou terceira mão" (ROMERO: 1978,18).

A proposição dessa hierarquia, como um princípio de constituição de um cânone literário, faz supor um contexto equilibrado de comparação, em que contariam valores estéticos, acima de quaisquer outros. No entanto, historicamente, não foi constituído esse equilíbrio. Em Varnhagen, a reflexão é condicionada pelo interesse em defender propostas para a civilização do espaço colonial. Epistemologicamente, esse interesse impregna todo o "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil".

A "clave baixa" indicada por Romero corresponderia a uma falta de qualidade artística no Brasil, em uma comparação tendenciosa com ideias europeias. O adjetivo "baixa" supõe um juízo baseado em uma espécie de competição, como se os escritores brasileiros fossem intelectualmente incompetentes.

Varnhagen considera legítimos os atos de destruição de indígenas e africanos por parte de Portugal. Há um erro, de natureza ética, em desvalorizar a produção textual brasileira perante a cultura da metrópole, ao mesmo tempo em que existe a compreensão de que esta promove uma aniquilação sistemática de grupos sociais no espaço colonizado. A ausência de uma literatura que seja, por critérios eurocêntricos, considerada válida, não é o efeito de uma natureza estéril, representada por uma falta de seiva. É tempo de reler com atenção cuidadosa o "Ensaio histórico sobre as Letras no Brasil" e rediscutir, com esse horizonte, critérios de valor da historiografia literária no Brasil.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMANTINO, Márcia. E eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. In: ____ & DEL PRIORE, Mary, orgs. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

MELLO E SOUZA, Laura. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: ____, org. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MELLO E SOUZA, Laura. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: MELLO E SOUZA, Laura, org. *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROMERO, Sílvio. *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Ensaio histórico sobre as letras no Brasil. In: ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, Maria Eunice, orgs. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850. T.1.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brazil*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmeri, 1857.

VERÍSSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1977.